

OPINIÃO E DEBATE

Pela reeducação dos professores de Comunicação

Advertência aos desavisados

Venho submeter à sua reflexão crítica um texto não muito usual para os padrões acadêmicos: trata-se do produto sintético e mal-acabado da experiência de um simples professor que gostaria que seus alunos tivessem sempre um suporte de conhecimentos que lhes permitisse compreender a sociedade em que vivem.

Não contém ele qualquer citação e provavelmente por isso possa vir a ser taxado de a-científico pelos acomodados em repetir as observações alheias, independentemente delas terem qualquer conexão com a realidade cotidiana na qual estamos imersos; outros considera-lo-ão panfletário, principalmente os que fazem da Academia o seu forte inexpugnável, onde se escondem dos acontecimentos.

Talvez não passe mesmo de um panfleto, ou se preferirem, de um artigo de caráter jornalístico-opinativo.

Mas nem por isso será menos importante, embora os seus maiores opositores sejam os mesmos que estão contribuindo para que a Universidade cada vez mais se distancie do mundo real, em um mórbido mecanismo de auto-fossilização.

A educação hoje

Independentemente de qualquer constatação empírica, é evidente que vivemos em uma era de deterioração dos padrões conhecidos, o que não significa

que tal deva ser necessariamente negativo, onde as transformações se sucedem com uma velocidade que, na maior parte dos casos, torna o produto final desconhecido dos atores que integram a vida social.

Desnecessário nos é, por demais conhecido, repetido e experimentado, quaisquer considerações sobre os problemas que envolvem ou nos quais a educação brasileira está envolvida, mormente a educação superior. O fato incontestado é que a Universidade está absolutamente à margem da vida.

Nosso discurso de *scholars* é incapaz de explicar aos perplexos alunos o que está acontecendo em nossos tempos, eis que aferramo-nos a fórmulas absolutamente superadas pelos próprios acontecimentos e que, nem mesmo com muito esforço mental são adequados para a compreensão da realidade.

Em verdade repetimos, sem saber exatamente o seu significado, inúmeras fórmulas e chavões que há muito perderam o seu caráter milagroso.

Falamos de "imperialismo cultural" sem nos darmos conta que, cada um de nós, estamos sendo seu agente no plano acadêmico ao não elaborarmos ou não tentarmos elaborar — salvo as exceções de sempre — nossos próprios postulados teóricos. Que estamos sendo agentes do denunciado "imperialismo cul-

tural” ao tomarmos como referencial múmias históricas cuja contribuição teórica há muito foi superada e que deveriam ser estudadas tão somente sob o aspecto da evolução das idéias.

Falamos em “indústria cultural”, globalizando um processo altamente complexo e diverso, sem nos darmos conta ou fingindo não nos dar conta de sua especificidade e riqueza, tornando mágica aquela expressão; a mesma expressão que hoje faz as vezes de outra tão em moda não faz muito, a dialética, panacéia de todos os males e deficiências intelectuais: o que nos é incompreensível é simplistamente apontado como fruto da “indústria cultural”.

A mesma indústria que é apontada como fruto de uma onipresente mas inexistente “classe dominante”, eis que apresentada sob uma utópica unidade, que se contrapõe a outra figura inexistente, a “classe dominada”, e está pronto o mundo: de uma lado os maus dominadores, os proprietários dos meios de comunicação, meios esses que são capazes de tudo, principalmente de alienar as pessoas, e de outro os que irão direto para o céu, pois pertencem ao bondoso lado dominado.

Perderam-se todas as mediações, todas as especificidades e riqueza dos processos sociais, instaurando-se uma falsa e simplista visão maniqueísta de todo o processo comunicativo, que desconhece, inclusive, a noção de classe social.

O verniz assumiu foros de veracidade e o discurso se reveste de uma tônica escatológico-espontaneísta: “vamos conscientizar as massas”.

Um apelo à educação popular absolutamente inviável que desconhecendo os mais simples mecanismos sociais investe furiosamente contra os meios de comunicação social, que se tornam responsáveis por todas as mazelas de nossa sociedade. O discurso intelectual torna-se mais autoritário que o mais autoritário dos discursos políticos, mas isso é irrelevante, porque a tarefa é a de salvação dos alienados, e se eles não entenderem, não é por nossa culpa, é sempre deles.

Quanto à dimensão lúdica, jamais ouviram falar...

O arcaísmo cultural, presente nas críticas da esquerda, principalmente no início da década de 70, revive plenamente entre nós, grassando — novamente — no seio universitário como a expressão da última verdade, a “teoria da manipulação”, tão em voga nos idos de 68 em Berkeley e em Paris.

Ao invés de explorarmos as gritantes contradições entre a constituição dos meios de comunicação e seu potencial revolucionário, o que Enzensberger fez já em 1970, preferimos saudar o surgimento de ineficazes e limitadíssimos “alternativos”, que não passam de **samizdat** e **dazibao** consentidos, como a única possibilidade de transformação social. Por isso mesmo é que não há transformações sociais produzidas neste sentido.

As possibilidades educacionais da publicidade veiculada pelos **media** são completamente desconhecidas, embora há mais de uma década e meia já tenham apontado a “revolução das expectativas frustradas”.

Ao revés, preferimos nos encastelar na nossa própria ignorância e apontar sempre a publicidade como legitimadora do capitalismo, o qual, por seu turno, é apresentado como o fruto de todos os males sociais.

A miséria social reinante, fruto de inúmeras circunstâncias históricas, dentre as quais o próprio descalabro governamental, vem se juntar a miséria intelectual, tão zelosamente cultivada por nós, professores. Entretanto, se a miséria social pode ser reduzida, através de práticas socializantes — e isso não significa necessariamente estatização — a miséria intelectual parece se alastrar mais e mais.

Vivemos não a era da incerteza conforme quis Galbraith mas a era dos chavões, dos estereótipos, da superficialidade, da mediocridade geral. Como dito galhofeiramente, mas que é mais sério do que se supõe, estamos em plena “cultura da broa de milho”.

As necessidades informativas dos alunos, longe de serem satisfeitas, são preenchidas com um discurso apocalíptico, instaurando a perplexidade em nosso meio.

Debates os mais estéreis frutificam na academia, e não se atribua a exclusividade deles às nossas escolas de comunicação, estendendo-se o reflexo dessa mediocrização às páginas dos jornais, eis que refletem eles a visão de parcela da realidade. O ridículo é o normal, a farsa realidade, a aparência essência.

Embora nem todos sejam famosos por quinze minutos, os acontecimentos parecem não durar mais que isso, e "que não está no texto não existe" (sic).

Ao mesmo tempo que denunciamos a "alienação das massas" em nosso discurso messiânico, não nos damos conta de que estamos ensimesmados sobre as nossas querelas e picuinhas pessoais.

A demagogia e o populismo grassam na Universidade, com irreparáveis prejuízos aos padrões desejáveis de ensino, proliferando como nunca as **igrejinhas**.

A competência deixou de ser critério de avaliação e julgamento dos docentes, dando lugar ao mais puro e objeto populismo que faria Vargas morrer de inveja, se vivo estivesse, e embora isto aconteça sem que haja uma unidade de propósito pré-concebida, é evidente que se trata de uma estratégia de incrustação

no poder da academia, que deve ser seguido a qualquer custo.

Confunde-se democracia com populismo, reflexão crítica com perseguição, tentativa de se provocar o debate com inconformismo e a exigência de um nível mínimo com autoritarismo.

A universidade faliu e com ela os anseios de uma mudança que diminua as enormes disparidades sociais, a partir de seu trabalho. Estamos a reboque dos acontecimentos, sem nos darmos conta que as inúmeras instituições e categorias sociais estão atentas para a transição em que vivemos.

É a hora de passarmos à práxis: que a autocrítica deixe de ser mais uma das inúmeras categorias mal-aprendidas e mal-ensinadas.

Quem de nós em sã consciência poderá asseverar que está dotando seus discentes de informações essenciais, i.é, de informações que capacitam-nos a estudar e compreender a sociedade em que vivem e lhes permite atuar sobre as condições da vida cotidiana?

Ou nos reciclamos e nos adaptamos aos novos tempos, ou sejamos honestos e confessemos nossa incompetência para os próprios discentes, nos propondo a reaprender o que aprendemos errado, ou aprender o que não sabemos.

Júlio Cesar Tadeu Barbosa
(Professor do IAC/PUCAMP)